

HOMEM E DEUS NA PERSPECTIVA DE LUDWIG FEUERBACH

João Luís Caçandre¹

Paulo Cesar Delboni²

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar a relação entre a natureza, o homem e Deus na perspectiva do filósofo alemão Ludwig Feuerbach. No caminho do texto será apresentado o pensamento de Feuerbach sobre o homem que nega a si mesmo através da religião. Os princípios divinos são princípios humanos. Desta maneira, ao negar-se, o homem desvaloriza a vida buscando fora de si uma projeção antes de encontrar com si mesmo. Por fim, Feuerbach conclui atestando que o homem deve usar da razão e do sentimento natural, percorrendo o caminho da filosofia para compreender aquilo que é real e humano sem alienações.

Palavras-chave: Natureza. Homem. Deus. Filosofia

ABSTRACT

The purpose of this article is to explore and analyze the relationship between nature, man and God from the perspective of the German philosopher Ludwig Feuerbach. In the course of the text, Feuerbach's thinking about the man who denies himself through religion and the creation of the gods will be presented. In this way, by denying himself, man devalues life by seeking out a projection from himself before meeting with himself. Finally, Feuerbach concludes by attesting that man must use reason and natural feeling, following the path of philosophy to understand himself.

Keywords: Nature. Man. God. Philosophy

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação homem-Deus na perspectiva do filósofo Ludwig Feuerbach. Nascido em Rechenberg em 1804, Feuerbach

¹ Graduando do Curso de Filosofia (Bacharel) da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail: cacandre@outlook.com.br

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universitas Gregoriana – Roma. pdelboni@catolica-es.edu.br.

encontrará a resposta de seu principal problema na religião, na doutrina e na teologia. Desde a formação da sociedade até os tempos modernos, podemos perceber que a religião é algo necessário para o homem. Na filosofia da religião, que é a parte que se ocupa de examinar os fenômenos religiosos, o homem procura responder o seu principal enigma, sua existência. Para Feuerbach, o homem cria um ser semelhante a si, Deus, um ser extremo e oposto à humanidade, isso faz com que o homem negue sua própria essência. A questão humana é o principal fundamento da sua filosofia, que não se limita em um simples ateísmo de acabar com a religião, mas pretende mostrar algo fundamental que é ascensão do homem.

Nos caminhos dessa pesquisa verificam-se primeiramente o modelo de homem na perspectiva de Feuerbach e sua relação com a natureza. Por fim, sua proposta de uma reforma da filosofia. A pergunta norteadora dessa pesquisa: qual o papel da filosofia na realização do homem do futuro a na visão de Feuerbach. A partir disso, Feuerbach pensa na filosofia do futuro, que se faz no homem(antropologia) e na vontade humana ao atingir a totalidade da essência. Vamos analisar ainda a reforma que Feuerbach faz na filosofia.

O homem é um ser limitado que projeta em Deus atributos que ele deseja para si mesmo, sendo assim defende que a natureza e a filosofia são os caminhos para o homem do futuro. Se vive hoje um contexto de desvalorização da pessoa humana, tendo em vista a existência de uma crise que leva o homem a uma vida artificial. Feuerbach defende a ascensão do homem e quer promover um resgate da essência humana, na natureza e na filosofia. Portanto, buscaremos na filosofia de Feuerbach os caminhos para uma nova filosofia que seja capaz de valorizar o homem, na perspectiva de tirar o ser humano das alienações que atrapalham o desenvolvimento racional. Neste sentido, a proposta é fazer uma reflexão sobre o homem consciente de sua existência e capaz de buscar na natureza e na filosofia a valorização de si mesmo e o desejo de independência das alienações e alcançar a si mesmo.

2 O HOMEM DEUS

O homem é um ser finito e consciente de si, busca uma resposta para sua existência na natureza e no mundo apresentado a ele. Somos por natureza, religiosos,

possuindo uma vida interior e aberto as realidades de seus próprios atos, assim, o homem pensa e se relaciona e conhece a sua finitude. O homem é um ser de necessidade, assim, como se precisa dos alimentos para sobreviver a religião alimenta o vazio dentro de si mesmo, na busca de um ideal que o preencha por inteiro. Desta forma, afirma Feuerbach sobre o que é o homem.

Um homem completo possui a força do pensamento, da vontade e do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade da sua existência.(FEUERBACH, 2007, p.36).

O homem é um ser sensível, pois em sua essência existir um elemento de maior importância que é o amor. O amor se destaca no ser humano por ser totalmente sensível, e ser o laço de união entre os homens. Tendo em vista que o homem está jogado no mundo, na natureza e descoberto de proteção, as religiões são necessárias para a compreensão da realidade, consolo e proteção. A sensibilidade humana não corresponde apenas a recepção de dados empíricos, mas é a própria vida do homem, no sentido que a vida é um devir entre o externo e o interno do homem. O sujeito vive e conhece através de seus sentimentos, sente amor, vontade e força, achando-se assim indispensável e fundamental para a sua natureza, ou seja, o relacionamento do homem como os objetos o faz ser o que ele é.

A consciência de si através do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Assim, podemos dizer que o homem diante da sua história de sobrevivência no mundo de questionamentos, é estímulo, capacidade, essência e atividade. “O ser absoluto, o Deus do Homem, é a sua própria essência” (ALVES, 2010, p.71). O homem busca fora de si a sua essência, e assim, começa seu relacionamento com algo que ele projeta e toma forma de um ser como si mesmo.

A dependência dos deuses é a base para toda religião, onde se relaciona as suas origens. Contudo, outro sentimento que faz o homem criar os deuses são o do medo em relação a sua finitude, pois o homem constrói sua história a partir da noção de finitude, quando toma consciência da sua própria morte. Desde a pré-história o homem procura nos deuses o significado para as coisas e estabelece uma relação com o sobrenatural. Essa característica é denominada por Feuerbach como “homo religiosus”. Para Feuerbach a essência do cristianismo nada mais é do que a

essência genérica humana desmembrada do próprio homem e contemplada em um ser exterior a este.

Feuerbach não nega a existência de Deus, porém cada indivíduo faz do seu sentimento algo natural do homem, um Deus semelhante aos seus sentimentos. Quando olho para um ser fora de mim, coloco nele os sentimentos que há em mim, só posso dizer de Deus aquilo que faz parte da minha natureza humana. O Deus do homem deve ser semelhante a ele mesmo, podemos citar como exemplo, se os pássaros tivessem um Deus, seria objeto para ele mesmo, apenas como um ser alado, o pássaro não conhece nada mais elevado, nada mais feliz do que o ser alado.

O círculo de identidade entre consciência e essência pelo qual se reconhece a autonomia, perfeição e infinitude do gênero humano, enquanto objeto essencial da consciência implica, por isso, que toda consciência é sempre uma autoconsciência. A consciência constitui-se, por definição, pela necessidade de que a essência seja objeto para si mesma (MARTINS, 2013, p.15).

A relação com os objetos seja qual for, faz um processo de conhecer a si mesmo, o ser humano não pode ser autoconsciente sem o objeto.

3 O HOMEM NÃO SE ENCONTRA NA NATUREZA

Feuerbach em sua filosofia, relaciona o homem com a natureza e exclui tudo aquilo que é sobrenatural. Sendo assim, o surgimento da religião se manifesta através da própria natureza, sendo dependente de seres produzidos pela fantasia, a religião é necessária para o homem, porém o homem se desnaturaliza ao criar os deuses. A natureza não é uma religião para Feuerbach, aquilo que é sobrenatural que vem dos deuses é apenas manifestação da natureza humana.

A natureza é, em primeira linha, uma verdade dada aos sentidos. Como objeto dos sentidos, ela não é um produto nem da atividade de um puro eu, do desenvolvimento do espírito, nem do ato arbitrário de um Deus fictício, sobrenatural, mas, pelo contrário, uma essência autônoma que existe independentemente da consciência humana (FEUERBACH, 2009, p.39B).

A natureza não é entendida a partir de si mesma, mas por meio do sobrenatural e de uma subjetivação de sua constituição. Com isso o cristianismo cria uma noção de soberano que, na verdade, é como uma manifestação de sua própria potência, que faz tudo existir. A natureza é entendida pelas leis de causalidade, modificadas pela religião em ações morais divinas que podem ser para o bem e para o mal. Outro

aspecto que pode ser entendida como a natureza é por meio do acaso, pois este também interage na composição estrutural do mundo, entretanto em forma de mistificações dos fenômenos naturais que para Feuerbach constitui o fundamento dos milagres.

O homem desde as origens, busca um sentido para a vida, uma resposta a sua essência. Atualmente essa busca permanece, principalmente no mundo espiritual, porém o homem busca fora de si a verdade que em muitas situações são contraditórios à natureza. A natureza é de grande importante na filosofia de Feuerbach, pois consegue gravar no homem os sentimentos de tristeza, alegria, prazer e dor. O homem sendo um ser sensível, expressa seus sentimentos devido sua estreita ligação com a natureza. Tal relação ocorre desde o homem primitivo, onde houve a necessidade de personificação da natureza tornando assim os elementos como sendo divinos. Desta maneira nasce os deuses, tendo como ponto de partida a insatisfeita relação homem-natureza, pois ao criar um ser semelhante a si “deus” tornando ele um ser extremo e oposto a natureza, nega a própria essência, ou seja, aquilo que é divino é projeção de si mesmo.

O homem consegue projetar deuses e criar objetos sagrados, segundo Feuerbach, essa capacidade é inata ao homem. O homem não encontra uma resposta para vida na natureza e busca na religião um sentido para sua caminhada no mundo que em muitas situações não têm sentido. A natureza é cruel para com o homem e nunca perdoa, sendo assim, o homem busca fora de si um ser sobrenatural que preencha essa lacuna. A experiência religiosa é algo humano e relacional com a natureza e o mundo, é também experiência individual de projetos e realiza-se na construção de si mesmo.

O próprio termo “religião” originou-se da palavra latina religio, cujo sentido primeiro indica um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de manifestação que, contemporaneamente, entendemos como religiosas.(SILVA, 2004, p. 4).

O homem não se encontra na natureza e acaba dependente dos deuses, seres personificados com características humanas e assim afastando o ser humano da sua verdadeira essência. Se não tivesse ligação do homem com a natureza não existiria a religião, portanto a uma relação não recíproca com a natureza que não tem sentimentos e não ama. Feuerbach contrapõe o método especulativo e dar a primazia a matéria, colocando a natureza e o homem na perspectiva antropológica

que existe em si mesma, avulso da razão, portanto nada antecipa a matéria a não ser ela mesma.

Com a desvalorização da natureza através das diversas expressões da religião, uma divisão entre o ser humano e a sua própria essência. A natureza é o embrião do ser humano e nela se encontra a realização e a compreensão de si mesmo, a partir dela própria, em um ponto de vista materialista. A natureza não tem sentimentos, no entanto o homem deseja ter uma relação mútua. Valoriza a natureza que é infinita e harmoniza a vida do homem.

É através da sensibilidade que o homem buscar fora de si uma relação exterior para encontrar a si mesmo. É pela valorização da natureza que se espera um mundo real e não sobrenatural, portanto é na natureza que ser humano encontra a possibilidade de satisfazer as suas necessidades.

O homem é um produto da natureza, uma obra dela; ele deve, por isso, tratá-la e estimá-la como "sua mãe", como a fonte de seu ser. Já que ele deve seu nascimento e sua manutenção; o apenas as forças e efeitos naturais, depende ele, por conseguinte, da natureza; quer dizer, ele não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe a natureza; da natureza, água, ar, alimento etc. (FEUERBACH, 2009A, p44).

Portanto, a natureza para Feuerbach é a inicial forma de religião para o homem, de acordo com sua gênese inata e essencial. O homem se conecta aos fenômenos naturais e se faz um ser de relação no cotidiano e na harmonia com as práticas religiosas, tornando um alicerce da religiosidade.

4 ALIENAÇÃO RELIGIOSA

A ligação com o objeto religioso corresponde a consciência de si mesmo, porém o objeto religioso está fora do homem. Na história das civilizações temos um traço em comum, a religião. Na atualidade as nações se fundam em princípios religiosos. A partir de dados históricos podemos perceber na história da humanidade as religiões sempre se fizeram presente, na América, na Ásia, na África, na Europa, etc. Diante dessa realidade fica a pergunta, porque o homem cria uma religião? As religiões existem diante da utilidade de cada realidade humana. Os sentimentos de dependência, medo e gratidão fazem parte da história das religiões. Os deuses são criados para trazer benefícios ou maldições para o homem, ou seja, depende de como são cultuados. Desde o começo o ser humano buscou separar o que é tido

como sagrado do que é tido como profano; logo, para o homem religioso, a realidade não é homogênea.

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente - e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE,1992, p.17).

Na história da humanidade a religião se faz presente no homem pela necessidade de sobrevivência. Nesta busca ele coloca a sua segurança em outro ser, maior que sua possibilidade para enfrentar os perigos da sobrevivência. A consciência que o homem tem de Deus pode ser perigoso, pois, o sentido dessa projeção pode ser indiferente a realidade da natureza humana e contraditório do que de fato é Deus e como é o Deus que projetei dentro de mim. Podemos projetar um ser vingativo e que aterroriza o pensamento do homem, criando regras e mandamentos que não corresponde à realidade humana, líderes religiosos que convence os seus fiéis ao ódio e violência contra os outros, tudo por uma justificativa projetada do divino.

A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus: ambos são a mesma coisa. (FEUERBACH, 2007, p.44).

Feuerbach não nega a religião, para ele é fundamental e indiscutível para progresso da humanidade, “A religião representa a objetivação do coração do homem, de sua natureza mais profunda” (ECCO; MARTINS FILHO,2016,p.327). Ou seja, ele não está indo contra a essência do homem religioso, mais a um contexto de instituição e de poder, declarando guerra contra a teologia cheia de ideologias partidárias e dominantes, seu ateísmo a tudo indica ser de ordem política, a uma insatisfação com as instituições religiosas, políticas e filosóficas. A antropologia do divino não foi interpretada apenas por Feuerbach, na história da filosofia o filósofo Xenófanes por volta do século VI a.C. já falava da concepção antropomórfica dos deuses.

Os primeiros sintomas de sua aversão à teologia-sobretudo em vista da postura adotada por alguns de seus contemporâneos, até a aberta repulsa a qualquer forma de religião como modo inautêntico de ser humano se portar em face da natureza e dos outros. Com especial ênfase recorda os doze anos de solidão em exílio, tempo em que se ocupou unicamente com o estudo e a atividade literária. (ECCO; MARTINS FILHO, 2016, p.330).

Para Feuerbach a teologia deve trazer como essência a realidade do homem com sendo uma forma da própria natureza, assim, trazendo humanidade em primeiro plano. Na relação com os demais seres humanos se encontra um sentido para sua existência, um olhar antropológico da teologia. Para Feuerbach a teologia é antropologia firmada no próprio homem. A religião corrompe o significado de humanidade, pois tem sua origem baseada no medo e na dependência proveniente da ingenuidade humana. A religião torna o homem alienado e desnaturaliza-se criando um ser oposto a si mesmo, quando o homem nega a sua própria vontade e se submete a vontade de outro ser, negando a si.

Feuerbach era pastor protestante e em 1823 começou a estudar teologia em Heiderbach, como o passar dos estudos ele se sente cada vez mais afastado da teologia. As estruturas da época estavam baseadas na filosofia hegeliana e na Igreja era o pilar do sistema absolutista e portadora da onipotência divina.

Ao passo que no sistema de Hegel o cosmos era visto como a objetificação (externalização) do Espírito Absoluto (Deus), a inversão feuerbachiana indicou que Deus nada mais era que a objetivação do espírito humano (RODRIGUES, 2009, p.159).

Feuerbach faz suas considerações a partir da religião, pois ela é o que faz o homem diferente dos animais. Os animais vivem a realidade de forma individual, mas o homem vive de duas maneiras, interior e exterior. Portanto, ao coloca-se no lugar do outro o ser humano possui relação com o infinito. Com base no cristianismo, Feuerbach elabora conceitos e descobre as características antropologias da teologia. Dessa forma se chega à parte mais significativa, as realidades humanas e sobrenatural indispensáveis da própria essência humana. Sendo assim a antropologia é a essência da teologia.

Feuerbach não é inimigo da religião, pois reconhece na religião a consciência de si mesmo, desta forma, é fundamental o reconhecimento de sua própria projeção e desfrute aquilo que é real sem alienações. Já a teologia especulativa provoca alienação no ser humano e procura revogar a antropologia da religião, ou seja, Deus é um ser exclusivo e emancipador do homem. Feuerbach expressa que o ateísmo antropológico tem como suporte o homem que cria Deus, porém a teologia é por exemplo uma mina de ilusões, mentiras e subordinação de um ser superior.

Afastando o homem da realidade e de suas tarefas cotidianas, a teologia é um vazio para o homem que pensando em Deus, mas olha apenas para si mesmo de uma

forma alienada. Assim, a teologia é vista como um livro que contém todas as verdades necessárias para o ser se realizar diante da vontade de um ser transcendental. Portanto, o pensamento de Feuerbach traz uma concepção confiante em conscientizar o homem em direção ao reconhecimento e valorização e das relações de subjetividade, onde o homem é a dimensão real da própria existência.

O ponto negativo da religião é quando o homem se deixar influenciar por uma teologia contraditória a natureza. Na atualidade encontramos uma perda da essência e uma instrumentalização da religião, assim o pensamento de Feuerbach é atual indo contra ao poder manipulador da religião diante das realidades atuais. A indiferença diante da sua própria realidade faz o homem se recusar a ser o que ele é de fato e prejudicando a si mesmo e os outros ao seu redor. O que sustenta a alienação é o medo e a dúvida, pois quem desobedece fica vulnerável aos males e condenação eterna. A alienação destrói a essência do homem. “A alienação, isto é, a cisão entre o indivíduo e a sua essência” (MARTINS,2013,p.23).

Ao falar de religião Feuerbach usa o cristianismo como exemplo, que é negado mesmo por aqueles que o tem como religião, ou seja, uma decadência interna. Assim não correspondendo as necessidades da humanidade. Diante dessa situação, também em nosso tempo a religião tornou-se um instrumento de alienação do homem, principalmente dos mais necessitados e excluídos da sociedade. O homem religioso é completamente diferente daquilo que deveria ser em sua essência, consequentemente vivemos em uma época decadente de valor, tanto religioso quando moral.

A alienação começa no eu que orgulhosamente não enxergar o outro, com isso a cultura do egoísmo faz da religião algo de negócios e investimento de sonhos. A religião cristã aliena as pessoas em nome do dinheiro e as fazem reféns das mentalidades dos homens espirituais que são capazes de gerar nas pessoas o sentimento de entregar tudo o que tem por um prêmio no céu.

Segundo Feuerbach, a religião se tornou negócio empresarial cujos o lucro é o próprio eu que ganha fundamento, no mais simples não muitas esperanças, não a empregos e muito menos dignidades em muitas situações da vida humana, assim, isso se tornou prato cheio para usar a religião que promete o céu para eles e não um

sentido de pertença a realidade do aqui no mundo com as dificuldades e situações antropológicas do homem.

Feuerbach propõe e resposta ao fenômeno religioso o materialismo já que o homem projeta no céu a verdadeira vida esquecendo das realidades materiais e naturais do homem, para ele o homem deve buscar a sua verdadeira essência que está na natureza humana, sem resquícios divinos.

Talvez esteja aqui a indicação de que há no homem algo de não somente material, frente a que também a sua abertura ao totalmente outro dá testemunho. Ainda que voltado para a projeção de sua subjetividade, há no homem o desejo de abrir-se rumo a uma transcendência que neste caso, efetiva-se por meio de uma redundância, já que o objeto para o qual se volta é si mesmo, uma afetação exterior que lhe dá sentido à vida (ECCO; MARTINS FILHO, 2016, p.339).

Com isso podemos concluir que para Feuerbach a alienação é colocar em Deus a essência humana em um ser divino onde se passa a controlar os homens e padronizar as suas vidas. Colocando o homem no ponto central com sua prática sensível e sua relação homem e natureza, Feuerbach faz sua crítica a religião, posicionando o material como afirmação do ideal e o espiritual como negação. Dessa maneira, Feuerbach coloca-se opositor a lógica idealista de Hegel e faz da natureza matéria existe em si mesma.

5 A FILOSOFIA DO FUTURO

Feuerbach vive em um contexto de crise institucional no campo da religião (cristianismo) é nesta situação que ele elabora a filosofia do futuro.

A reforma da filosofia só pode ser a necessária, a verdadeira, a que corresponde à necessidade da época, da humanidade. Em períodos da decadência de uma concepção do mundo de alcance histórico, há certamente necessidades contrárias – para uns é, ou parece, necessário conservar o antigo e banir o que é novo; para outros, é imperativo realizar o novo (FEUERBACH, 2008, p.2).

A velha filosofia é constituída por abstratos, conceitos e com a teologia que entra em contradição com o homem e a sua natureza. A velha filosofia racionalista do pensamento europeu que começa com Descartes e depois pelo idealismo especulativo de Hegel, que foi professor de Feuerbach, assim, o contexto institucional e a crítica a religião foram essenciais para a concepção da filosofia do futuro.

A filosofia de Feuerbach está voltada para a necessidade humana, e deve ter fundamento que penetre o coração do homem. O homem do futuro deve encontrar na filosofia o caminho para compreender a sua essência natural sem alienação e buscar soluções para a realidade em que ele vive.

Feuerbach vai para algo mais profundo, a ascensão do homem, dar valor ao gênero humano, ou seja, existem virtudes no homem. Com isso, ele defende uma filosofia voltada para o próprio homem (antropologia) que tem como base o reconhecimento do homem. Sem uma divindade representativa valoriza o próprio gênero humano, onde através do reconhecimento do homem como um ser livre das representações especulativas e metafísicas é que o homem poderá valorizar se reconhecer como parte da natureza e do mundo material.

O homem sabe que a sua existência é cara a Deus, sabe que Deus quer a sua felicidade. Mas isto corresponde exactamente àquilo que o próprio homem quer para si. Acreditar na providência divina é acreditar no carácter divino da essência humana (FEUERBACH, 2009, p30).

O caminho da filosofia é o próprio homem, a vontade humana com base na natureza, essência, sensibilidade e na razão. O papel da filosofia consiste em conscientizar o homem acerca do que ele chama de deus que, na verdade, é ele mesmo. Essa tarefa proposta pelo filósofo é um desafio para toda humanidade, pois, desconstrói seguranças e apresenta as imperfeições do mundo. No entanto, é somente por meio desse reconhecimento que o ser humano poderá destruir as ilusões e retornar à naturalidade.

O caminho que Feuerbach percorre é em favor do reconhecimento e valorização humana e trazendo um desejo de independência do homem e alcançar por meio da razão diante de uma teologia que despreza a natureza. Sendo assim, para Feuerbach a razão é como uma força emancipatória, capaz de substituir os dogmas, as crenças e toda justificação transcendente da realidade por uma vida mais concreta, com suas lutas e vicissitudes. Portanto, o projeto de Feuerbach amplamente antropológico.

A filosofia do futuro de Feuerbach implica a redução da teologia a antropologia e esboça o contraste com a tradicional forma de pensar idealista, que supervalorizava a razão, o espírito, em detrimento do homem, da natureza e da sensibilidade (SOUSA, 2016, p.626).

Para o homem isso significaria declive dos céus para um caminho do mundo material, de uma vida real e de potencial. Assim a filosofia deve trazer o homem

para o mundo real e não em contradição para com a vida e nosso pensamento. A função da nova filosofia é mostra que o homem é um ser real e sensível. Com isso, podemos entender que a filosofia de Feuerbach não quer colocar atributos divinos no homem, pois sua antropologia não é uma substituição de um objeto por outro, pelo contrário, Feuerbach pretende mostra a autonomia do homem, sujeito sensível e completo.

5.1 VALORIZAR-SE ATRAVÉS DA FILOSOFIA

Entendemos a filosofia como sendo “Amor pela sabedoria”, e com isso ela nos mostra um novo horizonte através das interrogações da vida. A filosofia leva o ser humano para o saber teórico e o saber prático que manifesta dentro dos contextos históricos. Feuerbach faz uma crítica aos argumentos vindos da filosofia especulativa hegeliana (a ideia e o espírito precedia a matéria). Com isso ele propõe uma reforma da filosofia, que se faz através da realidade de cada época, sobretudo com a negação do cristianismo. “O cristianismo é negado-negado mesmo por aqueles que ainda parecem sustentá-lo” (FEUERBACH,2008, p.2).

A decadência de sua época se traduz no cristianismo que não satisfaz e não preenche o coração do homem. O mundo caminha para outras necessidades, ou seja, a negação da religião funda-se em uma época nova, não mais cristã e sim de realidades filosóficas. A filosofia prevalece neste tempo de decadência e torna-se um caminho para encontra a essência através da antropologia.

As diferenças fundamentais da filosofia são diferenças fundamentais da humanidade. Para o lugar da fé entrou a descrença; para o lugar da bíblia, a razão; para o lugar da religião e da Igreja a política; a terra substituiu o céu, o trabalho substituiu a oração, a necessidade material o inferno, o homem o cristão (FEUERBACH, 2008, p. 4).

Quando o homem encontra a sua essência e percorre os caminhos da filosofia ele abre-se ao verdadeiro sentido da natureza, sem alienação e dependência dos deuses. O ser humano é dependente da natureza pois foi gerado dela e por isso percorrendo o caminho da filosofia entenderá o seu verdadeiro sentido antropológico.

O projeto de filosofia do futuro de Feuerbach tem como base o humano, não é um simples ateísmo, mas de valorização do homem que se torna escravo de poderes relevantes. Quando o homem negou a natureza lá nos primórdios e transferiu-a para outro ser, isso mostra uma facilidade e acaba se tornado passivo as contradições. A

filosofia do futuro deve deixar o mundo metafísico e se preocupar com a realidade desde mundo material, lugar da miséria humana e situações de contradição. Com isso no ponto de vista de Feuerbach a filosofia do futuro se manifesta através da vontade com base na natureza e na totalidade da essência humana através da razão e da sensibilidade.

Dessa Forma, não haverá aqui quimeras (ir) racionais, seres suprassensíveis e sobrenaturais; uma filosofia que se funda nos sentidos derruba, por princípios, todos os véus impostos ao pensamento e desvela o que se pode tomar por verdadeiro: o homem concreto, real, sensível, de necessidade (MACHADO, 2014, p. 25).

Feuerbach quer mostra a valorização do homem através da filosofia do futuro, essa valorização se passa pelo mundo material, assim, faz o ser humano pensar e ter uma visão crítica do real. O ser humano é desvalorizado por muitas situações uma delas é a degradação dos valores humanos, da ética, da moral e até mesmo da própria filosofia.

A nova filosofia fundamenta-se no homem, uma valorização do pensar. Porém, esse pensar não tem espaço na sociedade tendo em vista que essa busca aquilo que é prático. A filosofia nos liberta da ignorância e mesmo todos tendo acesso ao conhecimento, poucos são os que procuram. É na filosofia que tudo se inicia ela é mãe de todas as ciências, é através dela que homem se valoriza e busca um sentido para uma vida real e concreta do mundo material. A nova filosofia com base no humano contribui no processo do saber com seus conteúdos e leva o homem a se questionar e valorizar-se.

5.2 O ESTADO É O HOMEM ABSOLUTO

A religião, principalmente o cristianismo, tem um Deus que é pai que ama seus filhos e é também um monarca universal. O homem recebe as ordem e mandamentos direto de Deus que inspira toda a ação do ser humano.

Na explicação subjetiva do Estado, os homens reúnem-se pela simples razão de que não creem em nenhum Deus, porque negam inconscientemente, de modo instintivo e prático, a sua fé religiosa. Não é a fé em Deus, mas a desconfiança em Deus que funda os Estados. É a crença no homem como deus do homem que explica subjetivamente a origem do Estado (FEUERBACH, 2008, p.5).

No Estado o homem supera-se na força de muitos que constitui uma só força, portanto, o Estado é o homem completo. O Estado se faz quando os homens se

reunirem por não acreditarem em uma forma maior que os governe, o problema está na desconfiança em Deus. O ateísmo pratico acontece porque os homens estão sem Deus e justifica o predicado de soberano.

É a crença no homem como deus do home que explica subjectivamente a origem do Estado. No Estado, as forças do homem separam-se e desenvolvem-se para, através desta separação e da sua reunificação, constituírem um ser infinito; muitos homens, muitas forças, constituem uma só força. O Estado é a soma de todas as realidades, o Estado é a providência do homem (FEUERBACH, 2008, p. 5).

Feuerbach critica o cristianismo, o Papa é o chefe da Igreja que comanda pela ação de Deus, não deixa de ser um homem igual a todos. Deste modo o Papa não pode colocar seus pensamentos, suas ideias, mas somente as de Deus, com isso o homem é rebaixar a apenas um instrumento. Por fim, o Estado deve responder pela realidade terrena, ou seja, por um mundo projetado fora da natureza. Com isso a filosofia do futuro é fazer do homem uma inserção da natureza como finalidade universal e suprema da filosofia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a busca de Feuerbach pela essência humana, sua valorização e a gênese antropológica do homem, revela algo negativo sobre a relação do homem com a natureza, ao mesmo tempo que se separe de algo que era muito próximo e do qual sente a necessidade de buscar sua verdadeira essência. É no fenômeno religioso que Feuerbach fundamenta sua visão antropológica da consciência e da essência humana perdida. No medo da morte e da natureza a religião surgiu, pois só o homem é capaz de ter consciência interior de si mesmo. Mas é na religião que o homem procura aquilo que ele não é, assim, personifica nos deuses o antropomorfismo.

Feuerbach predispõe na religião à antropologia, ou seja, é nessa realidade que aparece a necessidade de uma reforma na filosofia para a realização do homem do futuro, que é contribuir para a construção do ser humano, sem alienação e valorizando-o. Construimos deuses para que eles sejam aquilo que nós não somos e assim projetamos neles o que não conseguimos ser em essência. A religião para Feuerbach é um acontecimento humano, não é o divino que cria o homem, mas o homem que cria o divino e suas condições. Porém ele não nega totalmente a

religião, ela é necessária para que se conheça e tenha de fato uma consciência do seu gênero.

A natureza é a gênese do homem e parte vital da sua existência, repudiar essa relação e trocar por objetos sobrenaturais é negar a própria existência. A natureza tem seu valor pois nela que pode encontra-se de modo efetivo. A filosofia deve ser penetrante no coração do homem e fundamental para mover e transforma a realidade. Com ela o homem se encontra e valoriza-se sem alienações religiosas e assim construindo desafios que serão capazes de mudar as coisas. A filosofia do futuro faz do homem um ser real e total. O coração de Deus é o coração do homem, o divino está no ser que é capaz de mudar e transforma-se. Concluímos ainda que a filosofia do futuro deve percorrer a valorização do gênero humano e conscientizar sobre as virtudes que existe no homem, o seja, é preciso que o ser humano fique livre dos pensamentos metafísicos e das projeções que ele mesmo cria. Feuerbach é o começo de um novo pensamento filosófico capaz de fazer o homem encontra em si mesmo com consciência e realização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wodson. A Crítica Feuerbachiana da Religião: Um contributo à compreensão do conceito de alienação. **Reveleiteo**, São Paulo, v. 4, ed. 5, p. 1-6, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/reveleiteo/article/view/3466/2290>>. Acesso em: 27 out. 2019.

SOUSA, Karla. Crítica a religião e filosofia do futuro em Feuerbach. **III Congresso Nordestino de Ciências da Religião**, Recife, p. 1-10, 2016. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ocs/index.php/cncrt/cncrt/paper/download/278/62>>. Acesso em: 31 out. 2019.

ELIADE M. **O Sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FEUERBACH. **Preleções sobre a essência da religião**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009A.

_____. **Necessidade de uma reforma na filosofia**. Covilhã: LusoSofia, 2008.

_____. **A essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza: UFC, 2009B.

_____. **Ludwig Feuerbach. Um manifesto antropológico.** Covilhã: LusoSofia, 2009.

ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo. Ateísmo e Religião em Ludwig Feuerbach: uma aposta na essencialidade do humano. **Revista Caminhos: Revista de Ciências da Religião**, Goiás, ano 2016, v. 14, ed. 2, p. 325-342, 9 ago. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v14i2.5127>>. Acesso em: 23 set. 2019.

MACHADO, Luis. Homem, religião e natureza: o projeto da filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach. **Revista Filogênese**, Ceará, v. 7, ed. 2, p. 1-12, 2014. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/3_luismachado.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MARTINS, Felipe. A gênese antropológica da religião em Ludwig Feuerbach. **Revista Inquietude**, Goiânia, v. 4, ed. 2, p. 1-27, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/19819062/Felipe_Assun%C3%A7%C3%A3o_Martins_-_A_g%C3%AAnese_antropol%C3%B3gica_da_religi%C3%A3o_em_Ludwig_Feuerbach>. Acesso em: 3 out. 2019.

RODRIGUES, Adriani. **Religião, teologia e antropologia: o confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach**, Belo Horizonte, v.7, n.14, jun. 2009. Disponível: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=15545>>. Acesso em 12 de julh,2019.

SILVA, Eliane. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 1-14, 2004. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.